

## JOSÉ RÉGIO

### CÂNTICO NEGRO

"Vem por aqui" – dizem-me alguns com olhos doces,  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:  
Criar desumanidade!  
Não acompanhar ninguém.  
– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,  
Por que me repetis: "vem por aqui"?  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós  
 Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem  
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
 E vós amais o que é fácil!  
 Eu amo o Longe e a Miragem,  
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,  
 Tendes jardins, tendes canteiros,  
 Tendes pátrias, tendes tectos,  
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.  
 Eu tenho a minha Loucura!  
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.  
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!  
 Ninguém me peça definições!  
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
 A minha vida é um vendaval que se soltou.  
 É uma onda que se alevantou.  
 É um átomo a mais que se animou...  
 Não sei por onde vou,  
 Não sei para onde vou,  
 – Sei que não vou por aí!

## NARCISO

Dentro de mim me quis eu ver. Tremia,  
 Dobrado em dois sobre o meu próprio poço...  
 Ah, que terrível face e que arcabouço  
 Este meu corpo lânguido escondia!

Ó boca tumular, cerrada e fria,  
 Cujo silêncio esfíngico eu bem ouço!...  
 Ó lindos olhos sôfregos, de moço,  
 Numa frente a suar melancolia!...

Assim me desejei nestas imagens.  
 Meus poemas requintados e selvagens,  
 O meu Desejo os sulca de vermelho:

Que eu vivo à espera dessa noite estranha,  
 Noite de amor em que me goze e tenha,  
 ... Lá no fundo do poço em que me espelho!

## LIBERTAÇÃO

Menino doido, olhei em roda, e vi-me  
 Fechado e só na grande sala escura.  
 (Abrir a porta, além de ser um crime,  
 Era impossível para a minha altura...)

Como passar o tempo?... E diverti-me  
 Desta maneira trágica e segura:  
 Pegando em mim, rasguei-me, abri, parti-me,  
 Desfiz trapos, arames, serradura...